

SIMPÓSIO AT101

SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA - VII

MUITO MAIS QUE ENSINAR GRAMÁTICA: CRIAR CONDIÇÕES PARA A LEITURA E PARA A ESCRITA

LANG, Maristela Righi

Professora do curso de Letras e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ; marilang@unijui.edu.br

SANTOS, Rosita da Silva

Professora do Curso de Letras e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ; rosita.santos@unijui.edu.br

Resumo: As aulas de Língua Portuguesa precisam ser a base segundo a qual os sujeitos se empoderam como leitores e escritores de textos. Não faz sentido ensinar regras gramaticais, se isso não tiver como pressuposto a construção e ampliação da capacidade de ler criticamente, entender os sentidos explícitos e implícitos, comparar informações e ideias, ter autonomia e ser propositivo, entre outras questões. Nesse sentido, o trabalho baseado em Bakhtin (2014), Antunes (2014), Marcuschi (2002) demonstra o quanto a linguagem entendida como constitutiva do sujeito e usada em um contexto de interação verbal e social são fundamentais na educação básica, uma vez que é no seu uso, no seu estudo e entendimento que o indivíduo torna-se senhor de seu discurso e de seu destino. Dessa forma, criar as condições, em sala de aula, para que o aluno leia e escreva textos de diversos gêneros, interprete-os, entenda como e o porquê de serem usados determinados recursos linguísticos e não-linguísticos a fim de construir os sentidos é uma atitude de professores conscientes de sua função social. Discutir essas questões e ampliar as possibilidades de trabalhos que promovam a proficiência dos sujeitos em sua língua materna são objetivos que não podem ser perdidos de vista, quando se pensa em educação de qualidade.

Palavras-chave: estudo da língua; leitura; interpretação; produção textual;

Abstract: Portuguese Language classes need to be the basis on which subjects become empowered as readers and writers of texts. It does not make sense to teach grammatical rules, if this does not presuppose the construction and expansion of the capacity to read critically, to understand the explicit and implicit meanings, to compare information and ideas, to have autonomy and to be propositional, among other questions. In this sense, the work based on Bakhtin (2014), Antunes (2014), Marcuschi (2002) demonstrates how the language can be understood as constitutive of the subject and it can be used in a context of verbal and social interaction are fundamental in basic education, since it is in its use, in its study and understanding that the individual becomes master of his discourse and destiny. In this way, to create conditions in the classroom so that the student can read and write texts of different genres, can interpret them and can understand the use of specific linguistic and non-linguistic resources in order to construct the senses is an attitude of teachers who are aware of their social function. Discussing these issues and expanding the possibilities

of work for upgrading the subjects' proficiency in their mother tongue are goals which must always be taken into account when thinking about quality education

Keywords: language study; reading; interpretation; text production.

Introdução

O homem, desde seu nascimento, está inserido num universo de linguagem, porém nem sempre consegue interpretar e atribuir sentido(s) aos inúmeros textos, mesmo que a realidade atual esteja constituída de uma variedade muito grande deles, produzidos para atender diferentes objetivos. Para que seja possível lê-los adequadamente, são necessários alguns conhecimentos, os quais devem ser desenvolvidos nas aulas de Língua Portuguesa.

Neste texto, objetiva-se realizar algumas reflexões acerca daquilo que pode ser feito nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de que os sujeitos possam, de forma profunda, ler e produzir textos. Os estudos gramaticais precisam constituir-se na base para que se consiga ler os explícitos, os implícitos, a linguagem figurada, entre outras questões. Além disso, as condições de produção de um texto. Sendo a leitura trabalhada de forma constante, em que se analisam os elementos linguísticos e extralinguísticos, o aluno se apropriará de conhecimentos – pela prática – do que torna um texto rico em conteúdo e no aspecto linguístico e formal, o que pode tornar o processo de produção textual mais profícuo.

1. A linguagem e a constituição humana

A história humana não existiria, se não fosse a linguagem. Isso porque o que permite ao homem perceber-se como sujeito, com características e especificidades que o diferenciam do outro é a linguagem e a capacidade de usá-la em suas e de diferentes formas. O desenvolvimento humano é consequência do poder conferido ao homem pela linguagem, pela possibilidade de pensar, de relacionar, de memorizar, de criar e recriar. Emile Benveniste

(1995, p. 285) afirma que “A linguagem está na natureza do homem”; Mikhail Bakhtin (2014, p. 126), por sua vez, assegura que “A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social”. Tais afirmações permitem dizer que a linguagem faz parte do homem e é o processo de interação social que faz os sujeitos usarem-na de uma ou de outra maneira.

Como o uso da linguagem se dá em uma realidade de interação entre sujeitos sócio-culturalmente situados, dotados de intencionalidade comunicativa, para que se possa entender os sentidos produzidos, faz-se necessário estudar o processo de produção verbal, pois a partir do momento em que se sabe quem falou, com que intencionalidade(s), em que contexto social, para quem o texto – de acordo com Marcuschi (2002, p. 22) “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*” – é dirigido e a forma como ele está organizado, os sentidos serão melhor compreendidos. A escolha vocabular e a estrutura escolhida vão revelar não apenas os sentidos explícitos, mas também os implícitos, a ideologia, as conotações, as emoções contida no dizer. A afirmação de Bakhtin evidencia a realidade interativa do uso das palavras:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto de interação do locutor e do ouvinte* (BAKHTIN, 2014, p. 117, grifos do autor).

Por essa perspectiva, não é possível continuar acreditando na transparência da linguagem, no fato de que o que é dito é entendido da mesma forma pelos sujeitos envolvidos no processo interativo. Segundo se lê em:

[...] tecendo o texto, estão também os sentidos, os sentimentos, as emoções, responsáveis pela criação das fantasias, das metáforas e comparações criadas, das palavras e das estruturas novas, dos sentidos figurados, na polissemia quase ilimitada dos sinais linguísticos (ANTUNES, 2014, p. 21).

Por isso a importância de o professor criar, em sala de aula, as condições para que os alunos consigam ler efetivamente – sejam sentidos

explícitos, implícitos, seja a linguagem figurada – e produzir textos consistentes, bem estruturados, usando a diversidade de elementos que a língua disponibiliza. Vale enfatizar, no entanto, que podem acontecer situações em que a comunicação, o entendimento entre os interlocutores não se efetiva, uma vez que a linguagem “é resultado de uma interação, real, situada, carregada de sentidos e intenções, provocada pela presença efetiva de sujeitos reais, com toda a complexidade resultante de serem isto mesmo: gente, pessoas, sujeitos” (ANTUNES, 2014, p. 21), e a historicidade de leituras e conhecimento de uma pessoa nem sempre são suficientes para que signifique o dizer do outro.

2. O uso e entendimento da riqueza linguística de forma contextualizada

Uma língua é constituída de elementos morfológicos, sintáticos, ortográficos, semânticos e estilísticos, mas esses não são suficientes para o entendimento, para a produção de significado(s). Isso porque há elementos extratextuais essenciais para o processamento semântico, como é o caso dos interlocutores e do contexto. Por isso não basta, na escola, ensinar apenas as questões gramaticais. Como assegura Antunes (2014), falta à escola – aos professores – o entendimento de que a linguagem é atividade essencialmente semiológica, ou seja, produtora de significado(s). Se aquilo que está sendo ensinado/trabalhado não fizer sentido ao aluno, ele não lhe dará importância.

Sob essa perspectiva, nada melhor do que trabalhar com textos – seja pela leitura, seja pela escrita – mostrando como o uso das palavras, da estrutura sintática, da pontuação, entre outros são essenciais na produção dos sentidos – tanto explícitos, quanto implícitos. Na tira do Recruta Zero, por exemplo,

o pensamento expresso no balão deixa implícito o fato de que o

Recruta Zero Greg & Mort Walker

Jornal Zero Hora, 04-05/05/2019.



Recruta não tem a oportunidade de responder àquilo que lhe é dito, evidenciando uma relação de poder que silencia o outro. O Sargento Tainha, ao observar a cena, percebe a impossibilidade de o busto responder, contudo, não se dá conta que isso acontece também em sua relação com o Recruta, mesmo que seja por outro motivo, isto é, não dá a palavra ao seu subordinado. Tal interpretação é possível a partir da observação da cena, do conhecimento de quem são as personagens envolvidas, do sentido implícito e não apenas das palavras usadas.

Além disso, há a questão da coesão presente: o uso de “ela”, referindo-se à moça que fala com o busto; “aquele”, determinando o busto ao qual se refere; “ele” tendo como referente “general”; “você” que aparece no balão do pensamento, referindo-se ao sargento e “comigo” como um dêitico que significa no uso feito pelo Recruta. As palavras destacadas são pronomes, porém, mais importante de que classificá-los como pessoais retos e oblíquos e demonstrativo é perceber o valor referencial que possuem no contexto. Tal conhecimento deve ser desenvolvido desde cedo, para que os alunos evitem a repetição em seus textos e consigam interpretar adequadamente os materiais lidos.

Por muito tempo, por razões históricas e culturais, as aulas de Língua Portuguesa se centravam no ensino da gramática, sendo o processo de leitura e produção textual deixados de lado. Nas últimas décadas, os estudos linguísticos mostraram que é preciso fazer mais, para desenvolver sujeitos que saibam ler e produzir textos – orais e escritos. Sobre isso, Antunes afirma:

[...] o que caracteriza uma pessoa que fala, lê e escreve bem é sua capacidade de dizer com clareza, com relevância, de forma articulada e coerente, aquilo que é preciso ser dito, num dado momento e a certo interlocutor, o que exige, para além do conhecimento da gramática, o conhecimento do léxico e das formas socioculturais que, pragmaticamente, regulam o comportamento verbal das pessoas (ANTUNES, 2014, p. 27).

O ensino voltado para o desenvolvimento da capacidade interacional, comunicativa, argumentativa e leitora faz muita diferença na vida dos sujeitos, por isso, entre os objetivos das aulas de Língua Portuguesa deve estar

“estimular, na exploração dos usos da língua [...] o questionamento, a dúvida, a observação, a análise, a construção de hipóteses, a procura da constatação, a reflexão” (ANTUNES, 2014, p. 35, grifos do autor). Dessa forma, a língua é entendida, bem como o processo de escolha lexical e da estrutura sintática, o que desencadeia a produção dos sentidos.

É o que se percebe em uma situação como I - “A menina nervosa fala muito” e II - “A menina, nervosa, fala muito”. No registro, o que distingue um enunciado do outro é o uso das vírgulas. Semanticamente, porém, há diferença bastante significativa. Em I, está sendo afirmado que a menina é nervosa e fala muito, algo constante, pois é uma característica permanente. Em II, por sua vez, o fato de a palavra “nervosa” estar entre vírgulas significa que essa é uma característica momentânea e nessa situação, ela está nervosa, fala muito, sendo algo passageiro.

O conhecimento dos elementos de coesão sequencial também é muito importante, uma vez que permite organizar as ideias e sinalizar os sentidos pretendidos. Se o aluno entender isso, sua leitura será diferente, bem como seu processo de produção textual. O uso das conjunções – também chamadas de operadores argumentativos – dão indícios dos sentidos produzidos pelo autor, mas é necessário conhecer, a fim de colocar em prática os diferentes significados.

É o caso das adversativas, as quais estabelecem relação semântica de oposição, porém não só isso. Também se faz importante saber que o conteúdo do enunciado introduzido por elas possuem peso argumentativo maior, como pode ser verificado em I – “Pedro matou um homem, mas foi em legítima defesa” e II – “Foi em legítima defesa, mas Pedro matou um homem”. As palavras usadas em I e II são as mesmas, a sua organização sintática, no entanto, é diferente, o que determina interpretações distintas. Em I, ser em legítima defesa tem valor argumentativo maior do que ter matado um homem, o que é marcado pelo uso da conjunção “mas” que introduz a segunda oração. O enunciado II, por sua vez, evidencia outro sentido: o de que matar um homem é inaceitável, condenável, mesmo no caso de ter sido em legítima defesa.

Chamar a atenção, mostrar como se dá a produção de sentido(s) no processo de criação textual, analisar, refletir a respeito do que é dito e também de como é dito permite aos alunos o uso mais atento da língua, seja na leitura, seja na produção de textos.

Como dito anteriormente, não há interação que não seja por meio de textos, os quais se materializam em diferentes gêneros. Conhecer a sua estrutura, as suas condições de produção, assim como o meio em que circulam, também se coloca como algo a ser trabalhado na escola. Uma tirinha, por exemplo, é organizada em quadrinhos – não muitos – mesclando linguagem verbal e não-verbal, em que a polissemia se faz presente, bem como sentidos implícitos.

Não se quer afirmar, com isso, que a gramática não tem importância. Ao contrário, não se produz textos coerentes, coesos, relevantes, inteligíveis sem seguir questões de uma lógica que é dada pela gramática, mesmo que isso tenha sido aprendido no convívio com seus pares e não no contexto escolar. Mas é a escola que tem a função de ensinar, de promover a reflexão sobre questões da língua para que os sujeitos possam usá-la da melhor maneira possível.

Vale salientar que, se há o entendimento de que a linguagem e a língua são fenômenos sociais, que se efetivam em uma realidade interativa e por meio de textos, compreendê-los significa estudá-los em seus contextos de uso, estando nisso inseridas as questões gramaticais. Como afirma Antunes (2014, p. 46, grifos do autor), “*todos os fatos da gramática somente se justificam e se explicam nos contextos (situacionais e verbais) em que as ações de linguagem ocorrem*”. Dessa forma para que os sujeitos se tornem leitores e produtores efetivos de textos, faz-se necessário criar as condições para que isso aconteça, estudando a língua em suas condições de uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito há para ser feito na escola para que os alunos se constituam leitores de fato e produtores de texto, não só nas aulas de Língua Portuguesa.

Mas essa, sem dúvida, tem a função de ensinar os conceitos, os conteúdos que fazem parte de sua alçada: leitura/interpretação, escrita, questões gramaticais, questões de língua... em uso, de forma contextualizada. Assim, será mais fácil entender como se dá a produção de sentidos.

O conhecimento morfológico, sintático, ortográfico, lexical e estilístico darão condições para que o sujeito leia, interprete os textos sob outro olhar, percebendo a(s) intencionalidade(s), as escolhas feitas a fim de dizer algo e promover o silenciamento de algum(ns) sentido(s) – dependendo da situação comunicativa, dos interlocutores –, as ironias, as metáforas, entre outras possibilidades. Ler, perceber e entender os meandros que envolvem o uso da língua enriquecerá a bagagem cultural, de conhecimentos e tornará possível à pessoa fazer uso desses recursos em seu processo de produção textual.

Mesmo que seja um processo trabalhoso, que exija que o professor e a aluno saiam da zona de conforto, vale a pena, uma vez que contribuirá para a autonomia, para a constituição do cidadão, capaz de entender sua realidade e ver se deseja mantê-la como está ou participar da promoção de mudanças. Tal entendimento faz lembrar as palavras proferidas pelo professor Paulo E. Fensterseifer¹ de que ser professor é apostar que um dia se tornará dispensável, pois o aluno se tornará autônomo.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

¹ Professor do curso de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.